

O HOMEM SUBTERRÂNEO

TEMISTOCLES LINHARES

(Universidade Federal Paraná)

Está visto que o homem subterrâneo não tem nada que ver com o homem desumanizado com que vamos já nos acostumando a tratar. Não é tão pouco o homem "qualunque" que recentemente esteve em discussão, servindo de pretexto para um movimento político que teve origem na Itália de nossos dias. Não é ainda o homem concebido pelo positivismo nem pelo idealismo correntes. Assim como não é o homem que o cotidiano da vida está nos apresentando diariamente: determinado por uma série de convenções morais e idealistas, impregnado de idéias humanitaristas, acovardado diante da noção do bem e do mal, movido pela paixão, mais ou menos reconciliado com a vida, sem consciência clara das tragédias e sofrimentos existentes sobre a terra, guiado apenas pela mentira de sua própria existência, etc.

Que vem a ser então êsse homem subterrâneo? O inimigo que faz ruir por terra toda felicidade palpável?

A definição não poderia ser alcançada senão através de quadros menos estreitos, num plano em que fosse possível fixar o desacôrdo verificado entre a realidade e os "ideais" em tôda a sua significação. Isto é, seria preciso começar por reconhecer os direitos da realidade, enfrentando os seus problemas de frente, sem transferi-los para o domínio do incognoscível, como pretendia o idealismo kantiano, que não sabia esconder o seu terror diante dos espectros, a ameaçarem, para o filósofo de Koeningsberg, o carater apodítico da ciência, crente na possibilidade de desembaraçar-se de todo o problemático, com assento em princípios sólidos que permitissem ao homem viver.

Não resta dúvida que já houve quem maldissesse dos arrebatamentos superiores da alma e achasse melhor a gente se con-

fundir com os medíocres, com os seres triviais, convencida de que com tais elementos, repousando nêles, podia se levantar a muralha capaz de esconder aos olhos dos humanos a terrível "verdade". Várias tentativas, aliás, vêm sendo feitas nêsse sentido, opondo sempre juízos apriorísticos à existência real, sempre com fundamento na universalidade e na necessidade. Quantos homens apriorísticos, na verdade, não estão impedindo a nossa caminhada, com a falta de respeito que denunciam por qualquer demonstração? Homens quase cegos, fanatizados, junto de quem seria impraticável demonstrar alguma coisa, emparedados dentro de seus juízos apriorísticos, como se nêles estivesse a única fôrça para o homem de lutar contra o ceticismo e o pessimismo e evitar o triunfo da morte na terra, não passando êle próprio de morto vivo.

Assim, o homem subterrâneo é o homem nú, diante de si mesmo, estando longe de traduzir qualquer ligação com o idealismo europeu, as suas raízes no passado, qualquer doutrina do bem, aliçada em idéias puras, ou qualquer platonismo que viesse a desprezar todo contacto não originário da razão, já que até a própria doutrina da superioridade do bem sobre o mal não podia ou não queria se fundar unicamente na dialética, lançando sempre mão de crenças grosseiras, tão materiais quanto as crenças nas recompensas e castigos futuros. É o caso de se fazer a pergunta: que adiantam tais crenças quando já se demonstrou que mais vale suportar uma injustiça do que cometê-la? Ainda assim Platão era o primeiro a advertir, em favor do bem, que os maus seriam castigados cedo ou tarde (na vida futura), ao passo que os bons seriam recompensados.

Convém ainda insistir na ação conferida ao bem, no seu triunfo, nas suas vantagens dispondo de um defensor, distante, longínquo, é exato, mas instalado à maneira dos poderes temporais, e além disso onipotente.

Talvez insistindo sôbre o que êle não é, o homem subterrâneo se aproxime mais de nós.

Com efeito, a recompensa prometida por Platão e outros filósofos antigos pode-se dizer que é a mesma em quase todos os sistemas de idealismo moral. Todos os moralistas consideraram sempre indispensável fazer de Deus o protetor do bem ou então identificar Deus com o bem, como acontece com o positivismo, etc. Esse bem é aceito em função apenas do temor de provocar a cólera de um ser todo poderoso e a conclusão obrigatória não pode ser outra senão a de que o idealismo se nutre de esperanças bem terrenas, não sendo o seu apriorismo senão uma espécie de barreira, por trás da qual se torna fácil fugir ao debate dos problemas mais difíceis e cruciais que nos afligem no mundo.

Foi um filósofo russo, León Chestov, quem comparou o idealismo aos estados despóticos orientais, de que talvez seja a própria Rússia de hoje o melhor exemplo: por fóra tudo parece esplêndido e construído para a eternidade, mas o seu interior é atrás.

Para êle, aí reside a causa do fenômeno, incompreensível à primeira vista, de uma doutrina, que parecia inocente, se tornar objeto de ódios terríveis entre pessoas insuspeitas de tendência para o mal. Segundo Chestov, os piores inimigos do idealismo foram os próprios idealistas, os idealistas extremados como Nietzsche, depois classificado como verdadeiro apóstata do idealismo.

Nietzsche, de resto, pertence à categoria dos "talentos cruéis" de uma definição de Mijailovsky, célebre crítico russo, quando se referiu a Dostoievsky, incluído na mesma classe.

Talvez tenha sido o autor de **Para além do bem e do mal**, porém, quem tenha precisado melhor as sondagens feitas nas profundezas da alma humana nêsse sentido, isto é, diante do conflito entre o idealismo e a realidade, para verificar com horror que todos os belos apriorismos não passam de mentiras: Sócrates, Platão, o bem, a fraternidade, as idéias, todo o côro de santos e anjos que protegiam a alma inocente contra os demônios malignos do cepticismo e do pessimismo como diz Chestov.

Nêsse momento crítico por excelência é que o homem, pois, face a face com os seus inimigos mortais, experimenta a terrível solidão em que se encontra, vendo se desvanecer a esperança, mas sentindo a necessidade de viver, viver o maior espaço de tempo possível.

Com Nietzsche se deu precisamente isso: êle não pôde continuar fiel à fé de sua mocidade, ao seu romantismo, aos seus sonhos, à sua amizade com Wagner, à sua admiração por Schopenhauer. Tudo êle foi obrigado a renegar, para viver, como querem muitos, a existência do trãnsfuga, do traidor, inscrevendo em sua bandeira as palavras terríveis: "a apoteose da crueldade".

Foi quando então êle quis ver o mundo e os homens com os próprios olhos, sem a influência de qualquer apriorismo, embora essa experiência lhe viesse a custar caro. Na hora mais difícil se viu só. Mas que podiam lhe valer os amigos e os mestres nessa ocasião? A simpatia dêles o teria obrigado a fazer declarações e confissões, em prejuizo daquelas sondagens que fazem, segundo Dostoievski, a terra tremer sob os nossos pés, para que o homem subterraneo ressurgja de seu esconderijo, para que se mostre inteiro, em sua pureza e integridade, sem as convicções recebidas de outrem,

movido apenas pela ação de sua própria experiência e das provas sofridas. Em seu suplício, em sua desesperação, o homem subterrâneo, porém, que aflorava em Nietzsche nada tinha de schopenhauresco, nem de wagneriano, do sofrimento "glorioso" reconhecido pelo autor de **O mundo como vontade e representação** ou do herói pecador do tipo de Tannhäuser. Nada da beleza trágica que êle mesmo se habituara a admirar nos antigos, quando ocorria o rapto do fogo do céu para maior bem da humanidade ou então a decifração do enigma da esfinge, como no caso de Édipo.

Ao contrário, quando Nietzsche contemplava o passado, o seu próprio passado, não era capaz de ver senão longa série de vergonhosas humilhações. O homem subterrâneo vinha então à tona.

A sua situação parece estar retratada no apólogo "O mártir maugrado seu" que vem em **Humano, demasiado humano**: "Havia em certo partido um homem demasiado vadio e demasiado negligente para contradizer jamais os seus companheiros. Era utilizado para tudo, todos se aproveitavam dêle, já que o máu juízo de seus correligionários o fazia estremecer mais do que a morte: era uma pobre alma débil. Êles o sabiam e graças a tais qualidades fizeram dêle um herói e até um mártir. Por mais que interiormente o negligente dissesse sempre "não", os seus lábios diziam sempre "sim", ainda no cadafalso, quando morria pelas idéias de seu partido: é que a seu lado estava um dos velhos companheiros, tiranizando-o com a palavra e o olhar, a ponto de fazê-lo sofrer a morte verdadeiramente da maneira mais firme, para ser celebrado depois como mártir e grande caráter".

Talvez estas linhas resumam o passado de Nietzsche.

Por ser homem de espírito, alma eminentemente espiritual, Nietzsche viveu a dolorosa tragédia de se ver obrigado a repudiar o que lhe fora dado conhecer através de mestres e amigos. A tragédia de refundir todos os seus juízos, arrancando de seu próprio coração todo o respeito que tinha por si mesmo, dando o nome que convinha a seu passado e chegando ao ponto de reconhecer estarem certos os que lhe chamavam de "lacaio literário de Wagner".

Como era orgulhoso, querendo esconder a sua vergonhosa e profunda desdita, não expor as suas chagas a olhares estranhos, achou êle ainda que devia mentir, escrevendo ditirambos à gloria de Schopenhauer e Wagner, os principais culpados de sua situação atual, a quem são dirigidas estas palavras em **Assim falava Zaratustra**, segundo é fácil compreender: "O mal que me fizestes é pior que todos os assassínios; porque me tirastes o irreparável: é isto que vos quero dizer, inimigos meus! Assassinares os companheiros da minha

mocidade e minhas mais raras maravilhas! Roubastes-me os caros sócios dos meus folguedos, os bem-aventurados. Em memória dêles deixo aqui esta coroa e esta maldição. Esta maldição sobre vós, inimigos meus, que partistes o elo da minha eternidade, como uma corda estala na noite gélida!... Tempos houve em que o meu coração ansiava de bons preságios: aí lançastes no meu caminho uma horrenda coruja de aspecto repelente... E quando venci o passo mais difícil, quando festejava e celebrava a minha vitória sobre mim mesmo, persuadistes àqueles que me queriam bem a se lastimarem que era então que eu os magoava mais cruelmente”.

É o que se lê na **Nietzschiana** organizada por Alberto Ramos, para a “Coleção Rubaiyát” (ed. José Olympio, 1949), que está dando oportunidade a êstes comentários.

O Nietzsche todo embebido de cultura clássica, autor de **O nascimento da tragédia**, recebendo a influência direta de Schopenhauer e Wagner, se transformara à custa de esforços de vontade tremendos em outra criatura muito diferente, sequiosa de viver a sua vida, confiante apenas em sua própria experiência.

Era a tragédia da inversão de todos os valores que o seu caso mesmo serviria de justificação e que o fazia exclamar agora: “Tudo que é solene me desagrada. Que somos nós?”

A realidade entrevista nada tinha de parecido com as suas antigas convicções. Porisso o caminho novo escolhido nada oferecia de convidativo. Eram antes dúvidas torturantes, perigos ameaçadores, de par com a eterna solidão, que o povoavam.

De qualquer modo, Nietzsche estava diante de uma espécie de mudança de natureza que o fazia abrir de par em par o coração para todo gênero de compreensão e inteligência em face da vida. Era bem a resposta viva que se lhe impunha dar, perante a realidade tão exuberante e rica contra a qual se lançavam as perversões da razão, encasteladas dentro dos pomposos nomes de “moral” e “religião”. Nessas condições, tinha que levantar sua voz contra o que chamava “o grande pecado hereditário da razão: a imortal sem-razão”, para argumentar que todas as faltas ou êrros, de qualquer classe que fossem, eram antes consequência da degeneração do instinto, da desagregação da vontade. Assim é que se definia tudo quanto era máu. Isto é, o bom procedia do instinto, sendo por consequência leve, necessário, livre. A moral e a religião pertenciam, pois, à psicologia do êrro, gerando confusões enormes como o de confundir a causa com o efeito, a verdade com a aparência de verdade, etc.

Nietzsche, como se sabe, queria se colocar então para além do bem e do mal, não alimentando nenhuma ilusão sobre o juízo moral. Depois que voltara as costas a tudo quanto recebera de outros em matéria de convicções, a sua situação era a de quem não trazia nada mais consigo, a não ser recordações humilhantes, imenso terror em relação ao futuro, além dos mais cruéis padecimentos físicos. Até os trinta anos, pode-se dizer que permaneceu sentado, imóvel, contemplando os ideais dos outros. Agora, a despeito de tudo, tinha de se movimentar, de se pôr em marcha, crente de que a própria vida recompensaria a sua vontade de viver, para receber dela esse dom imenso, o maior que lhe seria dado conceder, de realçar a sua tarefa vital, que no caso seria o direito que lhe assistia de instruir os homens, não obstante para isso lhe fosse necessário partir de várias fórmulas de caráter moral: "para além do bem e do mal", a glorificação da crueldade, a doutrina do eterno retorno, a apoteose do egoísmo, a "vontade de domínio", o "super-homem", etc.

Tudo isso que parece estar indicando as contradições de Nietzsche não impediu, porém, que ele, entregue ao horror de sua solidão, arquitetasse uma concepção do mundo diferente das que são geralmente admitidas, querendo também curar-se de si mesmo, esconder a sua doença, libertar-se do peso de seu egoísmo, ainda que por um instante, buscando refúgio no ódio, na ciência e na arte, naquilo que chegava a criar artificialmente, como ele próprio confessou. A arte, a seus olhos, não passava de falsificação consciente da realidade, pois na verdade, na sua missão de advogado da vida, Nietzsche continuava sufocando tudo quanto havia em si de particular, de pessoal, disimulando sobretudo a sua enfermidade. Mas desta vez já não inconscientemente, com a alma pura, como nos tempos de sua juventude. Agora sabe o que faz, que não pode agir de outro modo, não tendo mais medo de dizer "sim" quando todo o seu ser repete "não". Chega até a se orgulhar dessa arte que era o seu consolo. Como bem observa Chestov, recusa tôdas as conclusões que florescem no terreno das decepções, dos sofrimentos e da solidão. Isto é, precisamente as únicas conclusões que podiam nascer naturalmente nas circunstâncias em que se achava.

Dáí por diante Nietzsche não ousa falar mais em seu nome. Está sempre apelando para uma instância suprema que chama simplesmente "a vida" ou o "conjunto da vida". A sua conduta estranha parece, no entanto, encontrar justificação nas palavras que estão no prefácio de **Humano, demasiado humano**: "Então elaborei para mim um novo princípio: um enfermo não tem, contudo, o direito de ser pessimista; e logo travei luta paciente, obstinada, contra a tendência fundamental, anticientífica de todo pessimismo românti-

co que interpreta as experiências particulares, pessoais e as amplifica até convertê-las em juízos gerais, até condenar o universo. E então me esforcei por seguir outra direção. O otimismo, como meio de restabelecer as minhas forças para obter mais tarde, de novo, o direito de ser pessimista. Compreendeis isto? Como o médico que transporta o doente para um meio totalmente diferente, também eu, na qualidade de médico e doente, me obriguei a transportar-me para um clima espiritual totalmente novo, jamais experimentado”.

Como se vê, a trajetória percorrida foi árdua. Transcorreram vários anos até que Nietzsche se decidisse a proclamar abertamente os seus pensamentos subterrâneos. Mas, na verdade, bem feitas as contas, ele jamais pôde sair do absurdo, do caráter singular de sua filosofia, caracterizada pela falta de equilíbrio, pelo instável, pelas contradições. A sua essência estava, aliás, nisso. Ele nunca perdeu ocasião de tripudiar sobre o que se costuma chamar de solidez das convicções.

Armando-se também de uma série delas, a sua aspiração não consistia senão em comprometê-las, afim de abrir caminho para as próprias buscas, de conquistar para si o direito de dizer o que todos calam.

Nos seus grandes instantes de naturalidade, deixando que viesse à tona o que havia em si de subterrâneo, Nietzsche era agudo, vivo, claro, sincero, brilhante. Seus olhos extraordinariamente abertos pareciam iluminados, fazendo-nos compreender como nascem em nós as convicções e, mais ainda, o que é que significa seguir o seu caminho, ver a vida de face, sem máscara.

Apelando para as forças desconhecidas, secretas, que se alojavam em si mesmo, eis a oração que profere em honra da loucura: “Por piedade, concedei-me a graça da loucura, ó potestades divinas! a loucura para que eu possa enfim acreditar em mim mesmo. Dai-me delírios e convulsões, intervalos lúcidos e obscurecimentos súbitos, fazei-me tiritar de frio e arder em brasa como nunca nenhum mortal sofrera, quebrantai-me com fragores e fantasmas! deixai-me uivar e ganir e andar de rastos como um animal: contanto que me outorgueis a fé em mim mesmo! A dúvida me devora; matei a lei e tenho horror à lei como a criatura viva tem horror ao cadáver: se eu não fôr mais que a lei, serei o réprobo dos réprobos. O espírito novo que me anima, donde vem, senão de vós? Assim, dai-me a prova que sou dos vossos! — Essa prova será a loucura”.

Como se sabe, a exortação surtiu efeito, foi ouvida. As potestades divinas enviaram a loucura a Nietzsche.